

O TRABALHO COM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE MATEMÁTICA

PEDRO AUGUSTO VIEIRA DA SILVA¹; LAURA LEAL MOREIRA²

¹Universidade Federal de Pelotas – pedroaugustovs@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – lauraamoreira@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Esse estudo é fruto do trabalho realizado pelo primeiro autor enquanto bolsista no projeto “Educação Matemática no Rio Grande do Sul: instituições, personagens e práticas”, da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), que por sua vez está vinculado ao projeto de pesquisa “Estudar para ensinar: práticas e saberes matemáticos nas escolas normais do Rio Grande do Sul (1889-1970)”. Um dos objetivos principais em ambos os projetos é o de “organizar, catalogar e disponibilizar acervos pessoais e institucionais...”, como cita RIOS (2015). Desta maneira estamos diretamente ligados ao tratamento de acervos e ao trabalho arquivístico de preservação documental, segundo as definições do Dicionário de Terminologia Arquivística (2005).

Buscamos com esta pesquisa entender, ainda mais, como estar inserido dentro de acervos e desenvolver pesquisas em História da Educação Matemática, influenciam na formação do professor de Matemática, licenciado pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Além a isso se busca poder fazer uma defesa da importância da manutenção desses espaços de arquivamento, não só pelas possibilidades contida neles, mas também como que, o estar presentes nesses espaços reverbera na vida desses sujeitos.

2. DISCUSSÃO

Devemos, para compreender melhor as influências do projeto na graduação, nos atentar para situações que nos afetam como sujeitos e que, por sua vez, geram relações com o meio acadêmico no qual estamos inseridos. Visando a realidade da UFPEL, na qual temos estudantes de fora da região e do estado, começamos a nos questionar sobre o vínculo que essas pessoas criam com a cidade e com a cultura local.

Dessa maneira, indo mais afundo nesse âmbito, voltamos os olhos para as afirmações de SILVA (1991, p.3), em particular onde a autora defende que “...o trabalho¹ com a memória²..., é fundamental para a formação da identidade individual e coletiva”. Podemos perceber neste trecho uma ligação direta entre estar inserido com as atividade de pesquisa ligadas à memória e a formação do ser. Ou seja, se conectar com o acervo cria também um vínculo com a cultura que se está estudando, mais importante que isso, gera o interesse pelo local, incentiva o pesquisador a ir atrás da história, dos ritos, das lendas locais, o faz refletir sobre onde ele está e o faz se questionar sobre a realidade na qual ele estava

¹ A autora cita trabalho com a memória de duas formas; A primeira sendo o trabalho com memória “formal”, que tange os documentos oficiais; E a segunda, o trabalho com memória “informal” que geralmente está ligada a história oral;

² Nas definições de memória dadas pela própria autora.

previamente inserido. E, apesar de esses questionamentos surgirem de diversos modos, o trabalho com memória é extremamente impulsionador nesse quesito.

Continuando nossas indagações em relação ao trabalho com memória, nos atentamos a reflexão de BOSI (1987) onde ela defende que se esquecer é estar para sempre fadado a vagar e nunca refletir sobre o passado. Sendo assim, estar conectado ao projeto se torna, no nosso entendimento, o caminho inverso do esquecimento. É claro que o simples acesso aos documentos não garante o pensar sobre eles, mas o constante exercício com os mesmos incentiva, cada vez mais, a análise sobre o material e seu conteúdo, estreitando estas relações de conexões.

Dessa maneira, estando inseridos em um projeto que volta o olhar para a memória, temos em nossas mãos o poder de se voltar para o mesmo objeto para revê-lo, possibilitando diversos resultados e pesquisas distintas, uma vez que, tendo um primeiro contato com o arquivo, através do projeto, temos uma visão inicial dele, ainda não amadurecida.

Também cabe aqui discutir os vínculos estabelecidos no cotidiano escolar, uma vez que, o primeiro autor nunca tinha estado numa escola, fora do papel de aluno. Logo o projeto se desdobrou como uma primeira impressão dessa realidade e de suas relações profissionais. Tratando sobre esses vínculos, é notório que, dentro da graduação enquanto licenciandos recebemos diversos conselhos e ensinamentos sobre as relações professor-aluno que a profissão exige, contudo raramente discutimos as outras ligações que o professor desenvolve no seu dia-a-dia.

Portanto, situações experienciadas ao longo da graduação como a dos estágios obrigatórios e outros projetos, como por exemplo o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), que nos inserem em outros ambientes escolares, onde devemos trabalhar em conjunto com pessoas de profissionalizações distintas, se mostram necessárias para que o licenciando possa compreender um pouco mais de seu futuro ambiente de trabalho.

Nesse sentido, considerando o trabalho exercido dentro do projeto, é natural chegarmos a conclusão que estamos diretamente ligados a secretaria da escola, o que se mostra muito enriquecedor uma vez que não é um espaço “comum” visitado pelos graduandos durante os estágios ou outras passagens pela escola. A secretaria, mostra uma parcela importante, uma vez que é por ela que passam as relações de matrículas, e outros dados legislativos que não fazem parte do ambiente “regular” do trabalho do professor.

3. CONCLUSÕES

Consideramos importante citar aqui que esse trabalho é apenas um recorte inicial de uma pesquisa ainda em desenvolvimento, que busca compreensões sobre como a pesquisa em História da Educação Matemática, dentro do curso de Licenciatura em Matemática, reverbera nas ações do futuro professor. Deste maneira, tentamos aqui exemplificar os diversos motivos que nos levam a considerar esse tema relevante. Ainda mais que isso, discutir sobre as mudanças que essa breve parcela do estudo gerou, começando por nós mesmo. Trabalhar refletindo sobre como as atividades nos tocam foi um novo convite a pensar em como nossas ações dentro do projeto são importantes para nossa formação profissional.

Como objetivo geral desta pesquisa maior, buscamos evidenciar a importância projetos ligados a manutenção e preservação de arquivos. Não temos a pretensão de despertar desejo nas pessoas a seguir uma linha de estudo conectada a isso, contudo buscamos expor ao grande público que estar inserido num acervo proporciona muito mais do que apenas cuidar desses documentos.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARQUIVO NACIONAL (Brasil) **Dicionário brasileiro de terminologia arquivística**. Rio de Janeiro, 2005. 232 p., Publicações Técnicas, n. 51, ISBN: 85-7009-075-7.

BOSI, A. Cultura como tradição. In: BORNHEIN, Gerd. et al. **Cultura brasileira: tradição/contradição**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987, 152p. p. 31-58.

BÚRIGO, E. Z. **Estudar para ensinar: práticas e saberes matemáticos nas escolas normais do Rio Grande do Sul (1889-1970)**. Projeto de Pesquisa. CNPq. Porto Alegre, 2016. 41 f. Não publicado.

RIOS, D. F. **Educação Matemática no Rio Grande do Sul: instituições, personagens e práticas**. Projeto de Pesquisa. Pelotas, 2020. Disponível em: <<https://institucional.ufpel.edu.br/projetos/id/u2757>>

SILVA, T. E. da. Memória e Biblioteconomia: uma história sem fim. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 16., 1991, Salvador. Anais... Salvador: Associação Profissional dos Bibliotecários do Estado da Bahia, 1991. p. 1181-1187